

Portos do Continente movimentam cerca de 40 milhões de toneladas nos primeiros seis meses do ano

- Os Portos do Continente recuam -11,9% no primeiro semestre de 2020 face a igual período de 2019, movimentando um total de 39,4 milhões de toneladas de carga. Relativamente ao mês de junho isoladamente, confirma-se um ligeiro abrandamento da diminuição da atividade, quando comparado ao mês anterior, recuperando 2,8 pontos percentuais;
- A grande maioria dos portos apresenta comportamentos negativos, à exceção dos portos da Figueira da Foz e de Faro. Sines e Lisboa são os portos onde se registam as quebras mais expressivas;
- O Carvão é a carga que protagoniza a redução mais significativa ao perder -1,9 milhões de toneladas nos primeiros seis meses do ano;
- Sines mantém a liderança do movimento global portuário, embora perdendo a maioria absoluta, com 49,2% do total de carga.

No primeiro semestre de 2020, os portos do continente movimentaram um total de **39,4 milhões de toneladas de carga**, uma redução de **-11,9% face** ao registado no primeiro semestre de 2019, totalizando um recuo global de -5,3 milhões de toneladas. No entanto, e relativamente ao mês de maio de 2020, junho registou um ligeiro abrandamento da diminuição da atividade, recuperando 2,8 pontos percentuais. Este ligeiro abrandamento é determinado principalmente por Leixões e Sines, cuja evolução é, respetivamente, de -25,4% para -10,3% e de -41,3% para -28,3%.

Esta quebra é explicada pela conjugação de comportamentos negativos verificados na maioria dos portos, com exceção para Figueira da Foz e Faro, sendo mais expressiva em Sines e Lisboa, ao registarem, respetivamente, quebras de -2,8 milhões de toneladas e -1,4 milhões de toneladas.

O **Carvão** - o único mercado cuja variação é, sem dúvida, independente da pandemia da covid-19 - é a carga que protagoniza a redução mais significativa, de -1,9 milhões de toneladas, que corresponde a uma quebra de -86,4%, explicada pelo facto de Sines ter desembarcado apenas cerca de 75 mil toneladas (-96,2%). Estes valores resultam da suspensão quase total da atividade das centrais termoelétricas de Sines e de Pego (com quebras de produção respetivas de -99,1% e de -76,3% no período em análise), alimentadas com este combustível fóssil, na sequência da forte penalização económica associada às elevadas emissões de CO₂.

Os mercados do **Petróleo Bruto** e dos **Produtos Petrolíferos**, que merecem também particular destaque, registam quebras, de -426,26 mil toneladas (-7,4%) e de -1,34 milhões de toneladas (-14,6%), respetivamente. Quebras que resultam inequivocamente da crise pandémica, uma vez que esta levou a uma forte retração do consumo de combustíveis, a nível nacional e internacional, e, conseqüentemente, a uma interrupção e redução da sua produção por falta de capacidade de armazenamento.

A **Carga Contentorizada** regista também quebras no primeiro semestre de 2020, com uma redução de -852,3 mil toneladas (-5,4%), explicada quase exclusivamente

pelo comportamento do porto de Lisboa, que vê o seu volume reduzido em -1,04 milhões de toneladas (-44,3%), comportamento esse que não pode ser dissociado do clima de perturbação laboral existente, decorrente dos persistentes pré-avisos de greve dos trabalhadores portuários. Este recuo resulta também da conjugação do comportamento do segmento de tráfego com o *hinterland* e do tráfego de *transshipment*, que em volume de contentores registam variações respetivas de +7,3% e de -6,1%, sendo que este último afeta principalmente o porto de Sines, por estar fortemente integrado nas cadeias logísticas globais, resultado inequívoco da contração da economia mundial por efeito da pandemia da covid-19.

Em contrapartida, Leixões regista o volume mais elevado de sempre, com um total de 3,58 milhões de toneladas de Carga Contentorizada, ou seja, +3,4%, Setúbal cresce +6,6% e Sines denota um aumento ligeiro de +0,4%.

Em quarta posição em termos de tonelagem movimentada surgem os **Outros Granéis Sólidos**, com uma variação global de -11,1%, uma vez que os diversos portos com dimensão relevante registam variações negativas no primeiro semestre.

A par das cargas referidas, também a **carga Ro-Ro** mantém em linha as variações mensais negativas que se têm vindo a registar desde março em Leixões e Setúbal, essencialmente pela suspensão ou redução da produção da indústria automóvel, induzindo uma diminuição substancial na atividade portuária, particularmente em Setúbal, neste segmento.

O porto de Sines passa a deter uma quota de 49,2% do total do movimento de carga movimentada, inferior em -0,4 pontos percentuais à do período homólogo de 2019, após uma redução de -12,7% no movimento do primeiro semestre. Em segundo lugar surge Leixões, com 23%, Lisboa com 10,6%, Setúbal com 8,1%, Aveiro com 6%, Figueira da Foz com 2,5%, Viana do Castelo com 0,5% e Faro com 0,2%.

Em termos globais, **Sines** regista variações negativas na generalidade dos mercados, com exceção do de Carga Contentorizada (que representa 47,5% do movimento total) e Ro-Ro (meramente residual, representando 0,1%). **Leixões** regista variações positivas apenas no mercado da Carga Contentorizada (+3,4%) e nos Outros Granéis Líquidos (+1,8%), sendo o maior impacto negativo no volume movimentado de Petróleo Bruto (-219 mt ou -12,1%) e de Produtos Petrolíferos (-363,2 mt ou -21,8%). **Lisboa** regista variações positivas nos Produtos Agrícolas (+5%), sendo mais fortemente penalizado na Carga Contentorizada (-44,3%), mas também nos Outros Granéis Sólidos (-25,8%) e Produtos Petrolíferos (-20,2%), num total de -343,1 mt. O porto de **Setúbal** regista comportamentos distintos nos vários mercados que o integram, sendo que a influência negativa mais significativa é observada na Carga Fracionada e Ro-Ro, onde regista variações de -18,1% e de -38,5% (num total de -239,6 mt). **Aveiro** destaca-se pela negativa nos mercados dos Produtos Petrolíferos, Produtos Agrícolas, Carga Fracionada e dos Outros Granéis Sólidos com recuos respetivos de -41,6%, -18,6%, -3,3% e -9,7%. **Figueira da Foz** e **Faro** são os únicos que registam maior volume de carga do que no primeiro semestre de 2019, com acréscimos de +7,3% e de +40,9%, e **Viana do Castelo** apresenta globalmente uma redução de -9,7%, sendo de referir o registo de acréscimos nos Outros Granéis Sólidos e nos Produtos Petrolíferos, anulados pelas quebras nos Produtos Agrícolas e na Carga Fracionada.

No primeiro semestre deste ano, o segmento dos Contentores registou um volume total de 1,31 milhões de TEU, uma redução de -7,7%, resultando de um agravamento verificado no mês de junho, que regista um decréscimo de -13,6%, sucedendo ao de -11,8% registado em maio. No entanto, existem algumas diferenças na expressão

da variação a nível de cada porto. Leixões e Setúbal registam aumentos no volume de TEU movimentado de +1% e de +8,3%, respetivamente, sendo de referir que Leixões regista a melhor marca de sempre nos primeiros semestres, tendo atingido um volume de 349 425 TEU. Figueira da Foz, Lisboa e Sines apresentam variações negativas, de -28,2%, -42,9% e de -2,1%, respetivamente.

Importa realçar o facto de em junho **apenas Setúbal ter registado uma variação homóloga positiva no volume de TEU movimentado** (de +11,1%), o que se verifica pelo quarto mês consecutivo.

Tendo em conta o peso que representa no mercado de contentores do porto de Sines, importa sublinhar que o tráfego de *transshipment* registou uma diminuição de -6,1%, sendo que o tráfego com o *hinterland* aumentou +7,3%, confirmando a sua melhor marca de sempre, não obstante em maio e junho terem sido registadas variações homólogas negativas (-1% e -1,7%, respetivamente).

Ainda no mercado de Contentores, refere-se que o porto de **Sines mantém a liderança com uma quota maioritária absoluta de 56,5%**, seguindo-se Leixões, com 26,7%, Lisboa, com 10,1%, Setúbal, com 6,1%, e Figueira da Foz, com 0,6%.

Relativamente ao número de escalas de navios, nas diversas tipologias, o conjunto dos portos registou nos primeiros seis meses deste ano um total de 4663 escalas, um recuo de -12% (-633 escalas no total) face ao período homólogo de 2019, correspondente a uma arqueação bruta de cerca 84,3 milhões, menos -15,9% face a igual período do ano anterior.

Este comportamento é fortemente condicionado por Lisboa que viu reduzir o número de escalas em -31,5% (-392 escalas), justificado pela operação de menos navios a movimentar carga e ainda por efeito das medidas decretadas para combater o surto de Covid-19 que levaram ao cancelamento de mais de 143 escalas de navios de cruzeiro. Leixões e Portimão também registaram diminuições no número de escalas de -70 e -24, respetivamente, incluindo as originadas por este mesmo motivo,

A inverter o comportamento negativo no número de escalas face aos primeiros seis meses de 2019, surgem apenas Figueira da Foz e Faro que registaram acréscimos de, respetivamente, +6,8% e +26,7%, num total de +19 escalas.

A quota mais elevada do número de escalas no período total de seis meses é detida pelos portos de Douro e Leixões, com 26,4% do total, seguidos de Sines (com 21%), Lisboa (18,3%), Setúbal (16,5%), Aveiro (10,4%), Figueira da Foz (5%) e Viana do Castelo (2%).

A variação global negativa do volume de carga movimentada no período janeiro-junho de 2020 face ao mesmo período de 2019, resulta da conjugação de comportamentos negativos registados nas operações de embarque e nas operações de desembarque, incluindo *transshipment*, que observam quebras respetivas de -8,8% e de -14%.

O comportamento do fluxo de embarque, que inclui a carga de exportação, é caracterizado pelo comportamento positivo de 15 dos 44 mercados, movimentando um volume superior ao homólogo de 2019 em +411,7 mt, tendo os restantes 29 registado comportamento negativo, com um decréscimo total de quase -1,99 milhões de toneladas.

Com influência negativa regista-se o mercado da Carga Contentorizada de Lisboa, responsável pelo decréscimo de -729,8 mt, seguido pelo dos Produtos Petrolíferos de Leixões, que perde -373,3 mt, e ainda pelos Outros Granéis Sólidos de Setúbal e de Lisboa e dos Produtos Petrolíferos de Sines, com quebras que atingem, no seu

conjunto, um total de -311,3 mt. Estes cinco representam 71,2% do total de perdas registadas pelos mercados com comportamento negativo.

De forma positiva a influência mais significativa é exercida pelos mercados de Carga Contentorizada de Leixões (+91,8 mt), Carga Fracionada da Figueira da Foz (+70,1 mt) e o Carvão, Carga Contentorizada e Petróleo Bruto de Sines, que totalizam um acréscimo de +143,8 mt.

No segmento das operações de desembarque, do total dos 43 mercados, 16 registaram comportamento positivo com acréscimo de +435,5 mt e 27 tiveram comportamento negativo com um decréscimo de -4,17 milhões de toneladas.

Neste segmento, assinala-se a forte influência do mercado de Carvão, que é responsável pela diminuição de -1,87 milhões de toneladas, no contexto da inatividade das centrais termoelétricas de Sines e do Pego, que corresponde a 44,9% do total das variações negativas registadas. Também com impacto negativo, surgem os Produtos Petrolíferos de Sines (-638,9 mt), a Carga Contentorizada de Lisboa (-308,4 mt) e o Petróleo Bruto de Sines e de Leixões, com perdas respetivas de -250,2 mt e -219 mt. Estes cinco mercados representam no seu conjunto 78,8% do total de perdas registadas nos mercados com comportamento negativos.

A influência positiva mais intensa verifica-se nos mercados dos Produtos Agrícolas de Lisboa com +63,8 mt (14,6% do total de variações positivas).

Os portos que apresentam um perfil de porto "exportador", registando um volume de carga embarcada superior ao da carga desembarcada, entre janeiro e junho de 2020, são Viana do Castelo, Figueira da Foz, Setúbal e Faro, que apresentam um quociente entre carga embarcada e total movimentado com valores respetivos de 72%, 64,3%, 51,1% e 100%.

14 de agosto de 2020

Consulte também:

[Relatório de Acompanhamento do Mercado Portuário relativo a junho de 2020](#)